



Lições de uma mestra da Sociologia

Lúcio Vasconcellos de Verçoza¹

Resumo: Neste texto, escrito em forma de depoimento narrativo e analítico, o autor busca destacar aspectos marcantes da vida e da obra da socióloga Maria Aparecida de Moraes Silva. Para alcançar tal intento, inspira-se na carpintaria do texto *Lições do Vale*: narrativa de uma pesquisadora, escrito pela socióloga. A estrutura do artigo está dividida em seções que sublinham ensinamentos da autora – considerada uma das grandes mestras da Sociologia brasileira.

Palavras-chave: Maria Aparecida de Moraes Silva. Artesanato Intelectual. Sociologia.

Lessons from a Sociology master

Abstract: *In this text, written in the form of a narrative and analytical statement, the author seeks to highlight striking aspects of the life and work of sociologist Maria Aparecida de Moraes Silva. To achieve this aim, he is inspired by the carpentry of the text *Valley's lessons*: narrative of a researcher, written by the sociologist. The structure of the article is divided into sections that highlight the author's teachings – considered one of the great masters of Brazilian Sociology.*

Keywords: Maria Aparecida de Moraes Silva. Intellectual Crafts. Sociology.

Lecciones de una maestra de Sociología

1 Universidade Federal de Alagoas (UFAL) – Maceió – Brasil – luciovercoza@yahoo.com.br – ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5892-938X> – Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5426759381802381>.

Resumen: En este texto, escrito en forma de relato narrativo y analítico, el autor busca resaltar aspectos llamativos de la vida y obra de la socióloga María Aparecida de Moraes Silva. Para lograr este objetivo, se inspira en la carpintería del texto *Lecciones del Valle*: narrativa de una investigadora, escrito por la socióloga. La estructura del artículo está dividida en secciones que resaltan las lecciones del autora, considerado una de las grandes maestras de la Sociología brasileña.

Palabras clave: Maria Aparecida de Moraes Silva. Artesanía Intelectual. Sociología.

Nota introdutória: a mestra como uma artesã

No lápis de ponta romba, numa máquina de datilografia ou no teclado de um moderno computador, segue a mestra – em três tempos e uma vida inteira. Com mais de cinco décadas dedicadas ao ofício de recriação do mundo empírico e simbólico, ela ainda prossegue como uma voz discernível na escuridão: vai a campo, toma notas, escova palavra por palavra, forma frase, articula uma frase na outra e tece ideias que tornam inteligível o mundo grande, do qual falava Drummond – dos navios que levam petróleo e livros, carne e algodão, açúcar e álcool. Ao fim de cada empreitada intelectual, é feito um retrato preciso de mais uma realidade oculta do mundo social. E tal precisão analítica (no sentido do concreto pensado) possibilita que vislumbremos caminhos transgressores, de recusa ao intolerável.

Os livros, artigos, palestras e conferências de uma mestra da Sociologia como Maria Aparecida de Moraes Silva são únicos e intransferíveis; não há como reproduzi-los de modo igual. São singulares porque carregam a marca criadora da autora. Quantas páginas de análise sobre o trabalho rural já foram escritas no Brasil? Várias. Quantas delas com a mesma dicção, riqueza de detalhes e vivacidade das análises de Maria Moraes? Certamente, nenhuma. Não é o tema de pesquisa nem o reconhecimento formal² que a tornam uma mestra da Sociologia, mas sim a maestria com a qual ela exerce cada etapa do seu ofício. A carpintaria de suas análises se faz com a alma, os olhos e as mãos da autora – de modo que carrega aquilo que Walter Benjamin (1994) chamaria de aura.

2 No presente ano (2024), Maria Moraes recebeu o Prêmio Anpocs de Excelência Acadêmica Antônio Flávio Pierucci em Sociologia. Em 2005, ela foi laureada com o Prêmio Érico Vannucci Mendes, concedido pelo CNPq. Teses sob a sua orientação foram premiadas em concursos nacionais promovidos pela Sober (2013) e pela Rede de Estudos Rurais (2016). Moraes também participou do livro organizado por Mary Del Priori que ganhou o Prêmio Jabuti – *História das Mulheres no Brasil* (Ed. Contexto, 1997). Esses são alguns dos exemplos de reconhecimentos formais.

Esse tipo de saber artesanal não é transmissível por manuais. No livro *Histórias de cronópios e de famas*, o escritor Julio Cortázar (2016) dedica uma seção a instruir o leitor sobre como subir escadas. Trata-se de um exercício de ironia à lógica cartesiana, que é completamente distinta da razão artesã. A mestra da Sociologia se afasta da tarefa prescrita, presente nos manuais, e se concentra na faculdade do intercâmbio de experiências das tarefas reais. É assim que ela forma outros cientistas sociais; não como quem prescreve, mas como quem aconselha e sugere.

Há um belíssimo texto da Professora Maria Moraes intitulado “Lições do Vale: narrativa de uma pesquisadora” (Silva, 2013). Sempre o recomendo aos jovens pesquisadores. Nele, a autora narra o seu itinerário em pesquisas de campo no Vale do Jequitinhonha, norte de Minas Gerais. Quem o lê se sente em uma travessia que não é somente da ordem do intelecto (no sentido metodológico, teórico ou conceitual), mas numa travessia de vidas e experiências – tanto da pesquisadora quanto das camponesas do Vale. É na partilha das experiências que reside o tesouro das lições aprendidas por ela em campo.

No presente texto, escrito na ocasião da celebração dos seus 80 anos, o meu intento é narrar como quem persegue o fio da vida e da obra da autora. Narrar destacando algumas lições ensinadas pela Professora Maria Aparecida de Moraes Silva, minha maior mestra. Com isso, espero que outros também contemplem parte das lições que levo dentro de mim.

Lição 1: o encontro com o livro

Quando eu era um estudante de graduação da Universidade Federal de Alagoas, foi que eu li pela primeira vez o livro *Errantes do fim do século* (Silva, 1999). Esse livro imagético, que peguei emprestado na Biblioteca Central da universidade, tornou-se para mim um ponto cardeal. Foi como encontrar o Cruzeiro do Sul, constelação que orienta os marinheiros nas noites de tormentas pelo oceano. No meu caso, o mar desconhecido e bravio era uma pesquisa de iniciação científica sobre os métodos de exploração do trabalho dos cortadores de cana. E o livro, escrito pela Professora Maria Aparecida de Moraes Silva, caiu em minhas mãos como o que me faltava e o que me atraía.

O primeiro aspecto que me chamou a atenção no início leitura: a apreensão das sutilezas do real. A preocupação da autora passava tanto por aquilo que Antonio Candido chamaria de a “vida-ao-rés do chão” (1992) – detalhes aparentemente miúdos do cotidiano –, quanto pelas lógicas estruturais do processo de acumulação. Essa articulação entre o micro e o macro, presente ao longo de

todo o livro, exige uma sofisticada e criteriosa capacidade de mediação entre os diferentes níveis de abstração – mediação não somente na análise, mas também na forma de apresentar e descrever os dados e reflexões.

Cada página lida era uma nova descoberta, tanto pela riqueza de informações, quanto pela análise sincopada: de quem faz uma breve pausa, complexifica um pouco mais, e retoma o fio da análise para aprofundar mais adiante. Outro traço marcante: a dimensão histórica do fenômeno social estudado está presente no livro de ponta a ponta. Esse traço a fez recuar no tempo cronológico para compreender o passado dos trabalhadores rurais que migravam para São Paulo. O recuo temporal exigiu o uso de métodos e fontes diversas, tais como: estudo das transformações da legislação agrária, análise minuciosa de documentos cartoriais (sendo alguns desses registros fraudados – mecanismo de expropriação de terras campesinas), produção de riquíssimas entrevistas norteadas pela história oral, dentre outras.

A forma como os depoimentos das trabalhadoras e dos trabalhadores são apresentados no livro também merece destaque. Não são meras transcrições a fim de ilustrar conclusões teóricas prévias. Trata-se do oposto: os testemunhos entram como um solo de massapê úmido que fecunda a reflexão e refaz o fio da análise. Maria Moraes não entrevista como quem busca uma resposta específica para confirmar uma “verdade” já conhecida; o que ela busca é descobrir o que ainda não foi visto, sentido, pensado ou decifrado. Muitas vezes, uma única palavra do depoente/interlocutor, ou até mesmo o seu silêncio, são suficientes para alterar a rota da pesquisa.

Outras marcas do livro *Errantes do fim do século*: 1) faz uma narrativa de longa duração sem perder de vista as microdimensões da realidade; 2) há um equilíbrio analítico da relação dialética entre sujeitos e estruturas/estruturas e sujeitos; 3) a classe é apresentada e analisada como portadora de olhos, nomes, endereço, gênero, cor, etnia, voz e movimento – trabalhador não é mera categoria abstrata, mas homens e mulheres reais, de carne, osso e sentimento; 4) o uso frequente da fotografia como fonte e a expansão dos limites da escrita acadêmica – ao transformar o último capítulo em uma galeria de retratos e por ousar uma prosa mais solta.

Certamente, há ainda muitas outras qualidades para destacar desse livro, que não pode ser reduzido aos limites da Sociologia Rural ou do Trabalho. A pesquisa, fruto de uma tese de livre docência, tem forte traço interdisciplinar: flerta com a Geografia, ao refletir sobre o espaço; aproxima-se das Ciências Biológicas, por incorporar o tema da saúde dos trabalhadores; relaciona-se com a

Historiografia, pela preocupação com a memória; e também com a Demografia, ao tratar dos fluxos migratórios.

Por fim, gostaria de destacar três questões teóricas que considero centrais no livro *Errantes do fim do século* e na obra de Maria Moraes: 1) a noção thompsoniana de *experiência* (Thompson, 1981), que recusa uma abordagem determinista, ao mesmo tempo em que reafirma o caráter ativo e histórico dos sujeitos – sem desprezar as estruturas objetivas; 2) o conceito de *exploração-dominação*, que sublinha a relação simbiótica entre exploração e dominação como faces de um mesmo fenômeno – conforme lembrava Francisco de Oliveira (2008: 202-203): “a lei do valor não se impõe sozinha”; 3) o conceito de *nó*, cunhado por Saffioti (1992), enfatizando as relações de classe, gênero e étnico-raciais no processo de exploração-dominação.

Para além do rigor teórico, exercido de modo criativo, cabe destacar ainda a qualidade ímpar da pesquisa de campo e a impressionante quantidade de dados levantados. São essas algumas das razões para esse livro ter se tornado uma referência incontornável para quem pretende estudar a questão agrária brasileira e o mundo do trabalho rural.

À época, antes de terminar a leitura, disse para mim mesmo em voz baixa: “Encontrei a minha orientadora!”. O ano era 2008/2009. E, após uma seleção de mestrado prestada no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), tal desejo se concretizou.

Lição 2: o encontro com a mestra e a recusa aos cubos de açúcar

Quando desembarquei em São Carlos para cursar o mestrado de Sociologia, conhecia apenas a Professora Maria Moraes das linhas do *Errantes* e dos artigos em coletâneas e revistas científicas – migrei levando seus livros na minha mala de couro forrada, com pano forte, brim cáqui³. Ela seria a minha orientadora, mas ainda não havíamos nos encontrado pessoalmente.

Foi na primeira semana de aula, após uma atividade acadêmica organizada para recepcionar os estudantes novatos, que me apresentei, timidamente. Dias depois, enviei uma mensagem e marcamos a primeira reunião. Nesse encontro, extraí a segunda lição, que narrarei a seguir.

Cheguei ao escritório da Professora Maria Moraes no dia e na hora marcada. Era uma tarde de março de 2010. Eu estava nervoso, mas tentava disfarçar.

3 Além do livro *Errantes do fim do século* (Silva, 1999), eu carregava na mala as coletâneas *O avesso do trabalho* (Antunes e Silva, 2004) e *Migrantes* (Novaes e Alves, 2007), ambas contendo artigos de Maria Moraes.

Queria causar uma boa impressão; porém, não sabia exatamente o que dizer. Tinha receio de falar tolices ao discorrer sobre meu projeto de pesquisa, sobre o meu plano de dissertação.

Antes de iniciarmos a conversa sobre o projeto, ela me ofereceu gentilmente uma xícara de café. Eu, que não costumo tomar café, aceitei por educação. Enquanto esquentava a água e colocava o pó no filtro, me contou que nasceu em Altinópolis, município paulista que faz fronteira com Minas Gerais. Disse-me que os grãos de café produzidos em sua terra natal eram famosos pela qualidade.

Após colocar o café nas xícaras, perguntou:

– *Quantos cubos de açúcar você quer?*

Eu, sem ter o hábito de tomar café, nem de consumir açúcar em cubos, respondi de modo atabalhado:

– *Um e meio... Aliás, dois cubos.*

Retirei a primeira resposta, pois percebi de imediato que seria complicado partir o cubinho pela metade.

Logo, ela pegou uma pinça para cubos de açúcar – como quem pega um instrumental cirúrgico. Em seguida, abriu o frasco transparente e pinçou os dois cubinhos separadamente. Na hora de colocá-los na xícara de café, ela fez uma pausa que realçou a imagem da pinça junto ao cubo.

Depois disso, tomamos o primeiro gole. Quebrei o silêncio rápido com uma pergunta:

– *A senhora não bebe café com açúcar?*

Ela, então, me respondeu:

– *Não. Não bebo com açúcar, nem abasteço meu carro com etanol.*

A frase, dita naquele timbre sério e com um semblante de gravidade, expressava com precisão uma profunda revolta surda. A recusa aos cubos de açúcar era uma metáfora para transmitir uma lição no nosso primeiro encontro.

Na parede, bem próximo à sua mesa de trabalho, havia uma reprodução do quadro de Jean François Millet. Nele, três camponesas aparecem em primeiro plano, curvadas para a terra. Ao fundo, o homem montado no cavalo supervisiona o labor:

O quadro ainda se encontra na mesma parede. A revolta e o compromisso de Maria Moraes com os trabalhadores rurais também permanecem iguais.



Imagem 1 – As respigadoras, de Jean François Millet – 1857

Fonte: Jean François Millet (1857).

Lição 3: a propósito da teimosia como método sociológico

Durante o mestrado e o doutorado, pude presenciar a Professora Maria Moraes ensinando diversas lições. Seria impossível listar todas, tanto porque muitas delas são incorporadas de modo inconsciente (pelo compartilhamento de experiências) quanto pelo fato de ela continuar ensinando novas lições. Ainda hoje, eu a vejo como minha orientadora.

Dentre as incontáveis lições de sua vida e obra, sublinharei algumas:

1. Ciência não combina com fanatismo e dogmatismo;
2. É preciso escrever e falar de modo claro, sem abrir mão do rigor analítico;
3. A pesquisa exige abertura para a criatividade intelectual, seja do ponto de vista teórico, metodológico ou estético;
4. A relação entre orientador e orientando depende da confiança mútua;
5. O professor não pode contar somente com a sorte do talento, uma boa aula depende de muita leitura, releitura e preparação;
6. A construção da memória está umbilicalmente ligada às possibilidades do tempo futuro;
7. O simples pode ser profundo⁴;
8. A emoção fecunda a razão – não há oposição entre ambas.

4 Sobre o simples e o profundo, certa vez, Clarice Lispector escreveu: “Que ninguém se engane, só consigo a simplicidade através de muito trabalho” (1998: 11).

Na presente seção, gostaria de tratar de outra lição específica que ela costuma ensinar: a da teimosia. Antes de chegar ao cerne da questão, peço licença para narrar algumas passagens que servem de preâmbulo.

Quando eu ainda era estudante de mestrado, a Professora Maria Moraes percebeu a existência de uma veia literária na minha escrita. Em vez de podar esse traço, ela recomendou que eu lesse *A propósito da poesia como método sociológico*, de Roger Bastide:

A expressão poética não seria pedagógica se a sociedade nada tivesse de poético. Há, porém, na sociedade, um elemento de poesia, sendo a expressão poética um esforço de fidelidade em relação à própria verdade das coisas. [...] A expressão poética é uma forma de exatidão científica. [...] É essa poesia tão diferente – a poesia sociológica – que eu tentava traduzir. Nesse caso a poesia não é tração, mas a vontade de alcançar uma fidelidade mais precisa (Bastide, 1983: 85-87).

Recebi essa indicação de leitura como um sinal de estímulo. O que Bastide denomina como “esforço de fidelidade em relação à própria verdade das coisas” está muito presente nos escritos de Maria Moraes. As escolhas das palavras e das cadências são exigências da própria realidade estudada (marcada por dramas, sofrimentos e por um tipo específico de poética) – conforme ela aprendeu lendo outros mestres da Sociologia e Guimarães Rosa.

Toda essa digressão foi para explicar que o nome da presente seção parafraseia o título do texto de Roger Bastide, que é um dos tantos textos preciosos que conheci por causa das sugestões de leitura dadas pela Professora Maria Moraes.

A propósito da teimosia como método sociológico consiste na terceira lição que quero apresentar: do inconformismo como método indispensável ao pesquisador – tanto para decifrar o real, quanto para os que almejam vislumbrar justiça social.

Como um dos inúmeros exemplos dessa lição, citarei inicialmente a mensagem que recebi durante os meus primeiros meses como orientando dela: “Tudo vale a pena quando a alma não é pequena. Estou feliz e recompensada. Lutarei por isso. Abraço”.

No corpo do texto, estavam as trocas de mensagens entre ela e o advogado trabalhista Jadir Ribeiro (que foi seu orientando⁵), e entre ela e um operador do direito ligado ao direito trabalhista:

5 Na época de estudante de graduação em Direito pela Faculdade de Direito de Franca, Jadir Ribeiro participou ativamente das denúncias de mortes súbitas de trabalhadores nos canais de São Paulo. Além disso, colaborou como coautor em artigos publicados com Maria Moraes acerca do tema dos direitos dos canavieiros (Silva et al., 2006; Silva e Ribeiro, 2009).

Escrevo para solicitar-lhe informações sobre o seguinte fato: realizei uma entrevista com Valdecir, cortador de cana, ex-podão de ouro, há mais de dois anos atrás em Cosmópolis. A entrevista foi filmada e tenho o CD. Durante a entrevista, ele expôs-me sua dura condição enquanto trabalhador e naquele momento ele estava afastado pelo INSS, pois sentia dores por todo o corpo, em razão do desgaste em toda a coluna, e não tinha mais condições de trabalhar. Mal conseguia andar sem ser amparado. Estava com apenas 34 anos! Havia entrado na Justiça para conseguir uma indenização pelos danos sofridos, sem contar que tinha quatro filhos. Bem, fui acompanhando o processo, [...] me mantive informada sobre a piora, cada vez mais, de suas condições de saúde e a negativa do INSS em lhe conceder a aposentadoria por invalidez. Nesta semana, recebi a notícia de seu falecimento, ocorrido há alguns meses. Ademais da minha tristeza, troquei alguns e-mails com meu ex-orientando, Jadir Ribeiro, atualmente, advogado trabalhista, sobre a situação e a possibilidade de se encontrar alguma saída, já que penso nas quatro crianças, além da injustiça. Tomo a liberdade de lhe enviar os e-mails abaixo. Faço-o por uma questão humanitária (Silva, 2010).

O texto, enviado por Maria Moraes, era um apelo por alguma orientação⁶. Valdecir, o cortador de cana que faleceu com 34 anos de idade, havia sido entrevistado por ela durante uma pesquisa que resultou no documentário “Fragmentos” (Silva, 2011). A pesquisa foi gestada em razão das denúncias de mortes súbitas de trabalhadores nos canaviais paulistas⁷. No momento da entrevista, Valdecir se encontrava com fortes dores por todo o corpo e totalmente impossibilitado para o trabalho. Anos antes, ele havia recebido prêmio de “Podão de Ouro”, dado ao cortador de cana mais produtivo da usina. Ele afirmou que queria provar aos médicos do INSS que não era vagabundo, que não trabalhava porque não aguentava mais.

O operador do direito respondeu e indicou o caminho jurídico para que alguma justiça fosse feita. No fim, a teimosia e o inconformismo de Maria Moraes fizeram a família de Valdecir ser indenizada pela usina e pelo INSS. Para ela, o trabalho deve ser fonte de vida, e não de morte.

Quando eu estava no meio da minha pesquisa de doutorado, me vi perdido e paralisado no labirinto dos canaviais. Sobre esse momento, a Professora Maria Moraes escreveu:

6 Torno pública tal mensagem informal em razão do seu elevado valor pedagógico.

7 Maria Moraes abordou esse tema de frente nos artigos “Do karoshi no Japão, à biróla no Brasil” (Silva et al., 2006) e no “Mortes e acidentes nas profundezas do “mar de cana” e dos laranjais paulistas” (2008).

Na condição de orientadora, acompanhei o processo doloroso do percurso do autor nesse labirinto. Muitas vezes, vi-o perdido, sem o fio de Ariadne, sem esperanças de encontrar o caminho de volta, vencido por sentimentos de impotência. Todavia, da impotência, brotaram sementes contrárias, advinda da comunhão de destinos entre pesquisador e pesquisados. Era como se na escuridão do labirinto, ele visse as luzes necessárias para encontrar o que parecia perdido e se achar a si mesmo (Silva, 2018a: 21).

O que seu texto não revelou, foi o papel fundamental da orientadora para que eu encontrasse o fio de Ariadne. Sem a teimosia de Maria Moraes, dificilmente eu teria conseguido obter os dados biológicos necessários para investigar o nexos causal entre trabalho e adoecimento/morte súbita no corte da cana. Sua insistência sábia me impediu de desistir – a despeito das grandes dificuldades encontradas. Quando eu lhe falava do meu receio de construir uma tese biomédica, ela dizia: “Sua tese é sociológica, mas com caráter interdisciplinar”. Perto do fim da pesquisa, percebi que ela tinha razão quando fazia contraponto aos meus receios. Sem sua orientação, a tese jamais seria a mesma.



Imagem 2 – Os trabalhadores dos canaviais alagoanos, fotografia de Celso Brandão
Fonte: Acervo do fotógrafo Celso Brandão.

Acima, uma fotografia dos canaviais alagoanos. Ao fundo, o trabalhador com uma máscara branca sobre a pele escura – e tudo demorando em ser tão ruim. Quando sinto desânimo, lembro da lição de teimosia como um método sociológico.

Lição 4: a vida, a obra e o transver o mundo⁸

A Professora Maria Moraes me contou que quando ela era uma jovem estudante de graduação em Ciências Sociais, costumava ler livros em cima de uma árvore. A imagem incomum revela muito da socióloga e de sua obra: os pés apontados para as raízes fincadas na terra (no real) e a imaginação tocando além do alto da copa frondosa (na utopia, no real recriado em outros termos). Foi assim na sua iniciação à Sociologia, nos sombrios anos de 1964 a 1968. E é assim ainda hoje. Para ela, Sociologia é uma artesanaria. Um ofício que exige rigor, imaginação e sensibilidade. Algo que, como bem frisou Wright Mills (1965), pressupõe imersão total no processo de trabalho. E é por isso que ela é uma socióloga em tempo integral: faz Sociologia enquanto dorme, acorda e sonha.

A sua trajetória começou em 1º de junho de 1944. Filha de pequenos sitiantes do interior de São Paulo, viveu a primeira infância no mundo rural – seu tempo era marcado pelo ritmo cíclico da natureza, pela textura das bonecas feitas de sabugo de milho e pelo cheiro da lavoura de café e da ordenha de leite. Aos sete anos de idade, ocorreu uma grande inflexão em sua trajetória: foi estudar na cidade. Longe do modo de vida camponês se sentia desenraizada. O choque de universos simbólicos e o ambiente hostil para quem saía do campo fizeram com que ela estabelecesse inicialmente uma relação de estranhamento com a escola. O estranhamento foi sendo desfeito à medida que a pequena Maria Moraes teve contato com professores inspiradores e com o fascinante mundo da leitura. De tanto ler, seu pai logo a presenteou com um dicionário. Ela lia as páginas do dicionário e, a cada nova palavra descoberta, um mundo novo se abria.

Sua paixão pela literatura a fez pensar em cursar Letras. Para a sorte da Sociologia brasileira, de última hora, ela optou pelo vestibular de Ciências Sociais. Ingressou no curso de Araraquara em 1964 (hoje Unesp), ano do golpe militar. Sua graduação se deu em meio ao contexto de perseguição aos professores, estudantes e opositores ao regime. Uma parte do quadro de docentes do curso foi exilada, ou teve que deixar a universidade para não ser presa. Dentre os que permaneceram lecionando, cabe destacar a professora Heleieth Saffioti, que teve grande influência na formação de Maria Moraes. Anos depois, elas se tornariam amigas e colegas de trabalho.

Após concluir o curso, trabalhou como docente no ensino médio. Durante oito anos, foi professora da Escola Álvaro Guião em São Carlos. Nesse tempo, falava sobre o passado para se referir ao presente. A metáfora e a alusão ao

8 A presente seção é composta pela bionota que escrevi a pedido da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS). O texto foi ajustado, revisado e atualizado.

passado eram formas perspicazes de desvelar os horrores da realidade. Discutia com os alunos romances de Graciliano Ramos e José Lins do Rego. Ainda hoje, quando chega o Dia dos Professores, recebe cartas de ex-alunos que relembram suas aulas brilhantes e dizem que com elas aprendiam a pensar.

Em 1976, sua trajetória teve uma nova guinada. Viajou à França e cursou mestrado e doutorado em Sociologia pela Universidade de Paris 1, da Sorbonne. Retornou ao Brasil em 1981 e não tardou a ser efetivada como professora da Unesp de Araraquara. Após se aposentar como livre-docente dessa mesma universidade (em 1997), trabalhou como professora e pesquisadora em cursos de pós-graduação de diversas instituições: UFCG, PUC, USP, Unesp (Presidente Prudente e Botucatu) e Universidade de Comahue (Argentina). Desde 2007, é professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, onde atua ainda hoje.

Há mais de 40 anos, dedica-se ininterruptamente aos estudos das condições de vida e labor dos trabalhadores e trabalhadoras rurais dos canaviais, cafezais e laranjais. Em sua vasta obra, as temáticas de classe, gênero, raça-etnia, migração, memória e resistência são analisadas de modo entrelaçado, como parte da mesma totalidade. Seu pensamento é agudamente dialético e antilinear, buscando sempre as contradições dos processos e os sujeitos ocultados pelas estruturas.

Outro traço marcante de sua obra é a criatividade teórica e metodológica. Maria Moraes não se conforma apenas com dados quantitativos, entrevistas, questionários, diários de campo, exaustivo levantamento bibliográfico, pesquisa nos cartórios e em outras fontes documentais; na sua Sociologia, o desenho feito por crianças ou uma oficina de artesanato com senhoras são também possíveis caminhos para decifrar problemas sociológicos (Silva, 2018b). O mesmo é válido para o método de exposição do resultado de suas pesquisas: ele caminha por textos em linguagem poética aliado a extremo rigor analítico, pela criação de documentários (Silva, 1990; Silva, 2011), por registros fotográficos exibidos em antigos projetores – em uma época na qual a informática ainda engatinhava.

Na trajetória de Maria Moraes, a vida intelectual e pessoal se fundem. O seu ofício é concebido a partir dos fios que ligam a pesquisa, a docência e a busca por justiça social. Assim, ela continua lecionando: sempre lendo e relendo, incansavelmente, montanhas de textos para dar aulas magistrais – aulas inesquecíveis para quem as presencia⁹. Desse modo, ela também prossegue construindo novos projetos de pesquisa e inspirando jovens pesquisadores. Teimosamente,

9 A sala de aula é para ela um lugar sagrado.

persiste em participar de audiências públicas e em colaborar com movimentos e entidades de defesa de direitos dos trabalhadores e trabalhadoras rurais (como a Pastoral do Migrante e Grupos de Trabalho do Ministério Público).

Nos anos 2020, tem se dedicado à construção do repositório “Vozes e Memórias”¹⁰, contendo a memória de trabalhadores rurais (Silva e Reis, 2022). O repositório digital é constituído pelo acervo de inúmeras fotografias e de cerca de mil horas de entrevistas que realizou ao longo das últimas quatro décadas. São o registro das vozes de homens e mulheres que migraram do Vale do Jequitinhonha e do Nordeste do país para as lavouras de São Paulo, além de entrevistas com sitiantes e assentados rurais. Mais do que um valioso banco de dados para pesquisas futuras, trata-se de um exercício de *práxis* política em torno da luta pela memória, uma forma de escovar a história a contrapelo e de tentar evitar o *memoricídio*¹¹.

Recentemente, Maria Moraes tem investigado as faces e contrafaces do trabalho rural no contexto da mecanização e da agricultura 4.0 (Silva e Verçoza, 2020). Atualmente, coordena um projeto de pesquisa que conta com a participação de jovens pesquisadores de variados estados do país e da Colômbia. Por meio do Grupo de Trabalho CLACSO, “Trabajo agrario, ruralidades. y desigualdades”, promove uma profícua interlocução com pesquisadoras da América Latina.

Certo dia, o poeta Manoel de Barros escreveu que “o olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê” (Barros, 1996: 75). A Sociologia de Maria Moraes é imprescindível porque nos permite transver o mundo. É preciso transver o mundo. Tanto ontem, no tempo em que ela lia no alto das árvores, quanto agora.

Referências

- BARROS, Manoel. *Livro sobre nada*. São Paulo, Editora Record, 1996.
- BASTIDE, Roger. A propósito da poesia como método sociológico. In: PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura (Org.). *Bastide*. São Paulo, Ática, 1983, pp. 81-87.
- BEIGUELMAN, Giselle. A beleza será convulsiva ou não será, mas também será compulsiva ou não será. In: BEIGUELMAN, Giselle. *Memória da amnésia política do esquecimento*. São Paulo, SESC, 2019, pp. 214-218.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reproduzibilidade técnica. In:

10 O repositório digital pode ser acessado virtualmente. Disponível em: <<https://www.vozesememorias.com.br/>>.

11 Esse neologismo, cunhado por Grmek e retomado por Beiguelman (2019: 216), tem como significado o extermínio da memória.

- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio et al. *Crônica: o gênero e sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, Editora da Unicamp; Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, pp. 13-22.
- CORTÁZAR, Julio. *Histórias de cronópios e de famas*. Tradução de Gloria Rodríguez. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2016.
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.
- MILLET, Jean François. *As respigadoras*. 1857. Óleo sobre tela, 83,8 cm × 111,8 cm.
- MILLS, Wright. *A Imaginação Sociológica*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, 1965.
- NOVAES, José Roberto Novaes e ALVES, Francisco (Org). *Migrantes: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)*. São Carlos, EdUFSCar, 2007.
- OLIVEIRA, Francisco de. *A noiva da revolução / Elegia para uma re(li)gião*. São Paulo, Boitempo, 2008.
- SAFFIOTI, Heleieth. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina (Org.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1992, pp. 183-215.
- SILVA, Maria Aparecida Moraes Silva. *As andorinhas: nem cá, nem lá*. Documentário. Unesp/Araraquara, 1990. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TGYAr8M37Zs>. Acesso em: 3 fev. 2024.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Errantes do Fim do Século*. São Paulo, Edunesp, 1999.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes e ANTUNES, Ricardo (Org.). *O avesso do trabalho*. São Paulo, Expressão Popular, 2004.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes et al. Do karoshi no Japão, à birôla no Brasil: as faces do trabalho no capitalismo mundializado. *Revista Nera*. Presidente Prudente, ano 9, n. 8, 2006, pp. 74-109.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Mortes e acidentes nas profundezas do “mar de cana” e dos laranjais paulistas. *InterfacEHS*. São Paulo, v. 3, n. 2., abr./ago. 2008.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. [E-mail]. 7 de julho de 2010. Destinatário: Lúcio Vasconcellos de Verçoza. São Carlos, 7 jul. 2010. Mensagem pessoal.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes e RIBEIRO, Jadir Damião. Trabalhadores rurais. Do eito ao campo dos direitos. In: SILVA, Vanda Aparecida e CARMO, Renato (Org.). *Mundo rural. Mito ou realidade?* Brasília, NEAD, 2009, pp. 13-52.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Fragments*. Documentário. UFSCar/São Carlos, 2011. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_jc_Fpv8L34. Acesso em: 1 fev. 2024.

- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Lições do Vale: narrativa de uma pesquisadora. In: SOUZA, João Valdir Alves de e NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel (Org.). *Vale do Jequitinhonha*. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2013, pp. 17-36.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Prefácio. In: VERÇOZA, Lúcio Vasconcellos de. *Os homens-cangurus dos canaviais alagoanos: um estudo sobre trabalho e saúde*. Maceió, Edufal, 2018a.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Nas cores dos desenhos, as travessias (não travessuras) das crianças maranhenses. *Travessia - Revista do Migrante*. São Paulo. v. 82, pp. 29-62, 2018b.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes e VERÇOZA, Lúcio Vasconcellos de (Org.). *Vidas tejidas al reverso de la historia: estudios sobre el trabajo en los cañaverales y los campos de flores en Brasil*. Buenos Aires, CLACSO, 2020.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes e REIS, Tainá. Trabajo rural: Voces y memorias. In: MASCHERONI, Paola e QUARANTA, German (Org.). *Trabajo agrario y ruralidades en transformación*. Buenos Aires, Clacso, 2022, pp. 9-27.
- THOMPSON, Edward Palmer. *A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.

Data de submissão: 20 de junho de 2024

Data de aceite: 01 de julho de 2024

Como citar este artigo:

VERÇOZA, Lúcio Vasconcellos de. Lições de uma mestra da Sociologia. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v.14, p. 1-15, e141318, 2024. DOI: <https://doi.org/10.14244/contemp.v14.1332>